

A ESCOLA EM FESTA: A FESTA É A ESCOLA*

Maria Alcina Lajes

Introdução

Partimos da assunção que a festa é celebração naturalmente ligada às práticas primordiais das sociedades/civilizações desde as mais primitivas às mais avançadas, por isso o valor simbólico, excesso, transgressão e transfiguração em ligação íntima com as categorias de espaço e tempo e a própria representação da vida e morte.

A escola, ao longo destes últimos cinquenta anos, tem tido festas comemorativas, festas cíclicas de regresso a um tempo mítico, festas escolares relacionadas geralmente com o início e o final do ano lectivo.

A escola, como instituição, inscrevendo-se num tempo histórico (político-ideológico), num tempo antropológico (organização do espaço social de trabalho e lazer) tem encontrado no tempo pedagógico (educação/formação) momentos festivos.

Ora, quando se trata de abordar o tema da festa – como objecto de estudo – verificamos a quase ausência quer no currículo, quer nos manuais escolares e mesmo na literatura pedagógica.

Assim sendo, recorremos, num primeiro tempo às narrativas biográficas de vários informantes de modo a reconstituir a memória das festas da escola. Formulámos a questão seguinte: Qual a inscrição/memória que as festas da escola têm na biografia dos vários informantes? Encontrámos um leque de recordações/celebrações (ex. distribuição de prémios, quadro de honra, fes-

*Um especial agradecimento ao Professor José Eduardo Moreirinhas Pinheiro, meu antigo professor, pela Memória Viva nas questões da Educação. Um obrigada também aos Professores Doutor António Reis e António Moniz por certas indicações bibliográficas.

ta/prazer de aprender, festa da árvore, festas da Mocidade Portuguesa, réci-tas, teatros, desfiles de máscaras, aniversários...e mais recentemente São Valentim, Dia das Bruxas...) repartidas ao longo do ano lectivo, marcando a ruptura com as rotinas do tempo escolar que é, por natureza, muito estruturado e codificado.

Porém, nos nossos dias, o espaço privado escolar, abrindo-se ao espaço exterior público e aos media, começa a integrar um novo tipo de festas (audições/casting, passagens de modelos, concursos ...). Por outras palavras, a escola abre-se e reproduz no seu seio as práticas culturais veiculadas sobretudo pela cultura de lazer dos media.

Centramo-nos na Festa da Árvore por duas razões principais, a saber: por um lado, por ter sido quase ignorada na literatura pedagógica, e, por outro lado, por constataremos a importância que a Festa da Árvore teve na Primeira República. Tentaremos responder às questões seguintes: Quando se inicia a Festa da Árvore? Qual o valor pedagógico e cívico dos discursos e prelecções expressos nos Guias da Festa da Árvore? Qual o papel das crianças e dos professores na Festa da Árvore?

1. A Festa da Árvore: Da Iniciativa ao Declínio

A Festa da Árvore está intimamente ligada ao ideário republicano da Primeira República como uma forma de pedagogia nas relações ideologia, política e educação cívica ligada, por sua vez, à sensibilidade de uma nova sociedade e escola republicana (laica, democrática e gratuita).

Porém, há informação que as primeiras festas da árvore remontam aos últimos anos da monarquia (cf. Pintassilgo, 1998; Moura, 2004; Pinheiro, 2004)¹ mais precisamente a 1907² por iniciativa da *Liga Nacional de Instrução*.³

¹ Pintassilgo, 1998, p. 180; Pinheiro, 2004, pp. 58-59 faz referência a Ferreira Deusdado “A Festa escolar da árvore, o culto da Bandeira e o sentimento da Pátria” in *Educadores Portugueses*, Edição de Angra do Heroísmo, 1909; Moura, 2004, p. 384. Por iniciativa de Borges Grainha, ver Pintassilgo, *idem*.

² Em 1907, realiza-se a festa da árvore no Seixal, em 26 de Maio e, em Lisboa, na Rua Alexandre Herculano, em 19 de Dezembro. Cf. Pintassilgo, *idem*, p.180.

³ Liga Nacional de Instrução 2.º Congresso pp. IV-V in Salvado Sampaio – *O Ensino Primário – 1911-1969*, citado por Pintassilgo, *idem*. E a *Liga de Educação Nacional fundada por Bernardino Machado*, ver R. Fernandes, *idem*, p. 187.

Na verdade, a festa da árvore só conhece reconhecimento e implantação notável com o advento da república⁴, mas a institucionalização ocorre em 1913 por iniciativa do jornal *O Século Agrícola* que convida – através de uma circular – os professores não só a aderirem mas também a organizarem comissões dinamizadoras para a *festa patriótica* por todo o país (cf. Pintassilgo, 1998, Moura, 2004).⁵

Também, a *Liga Nacional de Instrução* – a partir de 1907 – promove campanhas, junto dos professores, para organizarem com os alunos *cerimónias cívicas* em que o momento central é a plantação de uma árvore.

A iniciativa da festa da árvore tem suscitado duas versões polémicas atribuindo-lhe a origem maçónica⁶ (cf. Oliveira Marques, 1981, Pintassilgo, 1998, Moura, 2004) ou mesmo pagã (cf. Pinheiro, 2004, Ferreira da Silva, 1919).

Ora, quanto ao carácter pagão, Ferreira Deusdado – como católico – nunca atribuiu à festa da árvore um carácter pagão e materialista (cf. Moreiras Pinheiro, 2004, p. 58).⁷ Também, num discurso proferido em Cucujães, o orador afirma:

“Nós não vimos aqui ferir a nota irritante de um ateísmo estéril, nem renovar, voltando muitos séculos atrás, o panteísmo pagão.” (cf. A.J.

Ferreira da Silva, 1913, p. 7).⁸

⁴ Em 1911, realiza-se a festa da árvore, em Lisboa, 12 de Março, culmina com a reunião na Sociedade de Geografia. *O Século Agrícola*, n.º 1612, 13 de Março de 1911 citado por Pintassilgo, *idem*.

⁵ Em 1913, realiza-se a festa da árvore, em Lisboa, em 23 de Janeiro. *O Século Agrícola* de 24 de Janeiro de 1913 citado por Pintassilgo, *idem* e Moura, *idem*.

⁶ Oliveira Marques, *Guia de História da 1.ª República Portuguesa*, Editorial Estampa, 1981, pp. 394-395; Moura, *idem*. É de notar o maçã Manuel Borges Grainha que afirma que a festa da árvore foi introduzida pela maçonaria que a generalizou pelas escolas (Grainha, 1913, p. 189 citado por Moura, *idem*, p. 386; Pintassilgo, *idem*, p. 181, refere Grainha como impulsionador em 1907 da festa da árvore, Magalhães Lima, grão-mestre de maçonaria (Grande Oriente Lusitano Unido) que discursou na Sociedade de Geografia a 12 de Março de 1911 e José de Castro (Grão-Mestre Adjunto) que propõe a criação da Sociedade do Culto da Árvore. Ver José de Castro, *A Propagação, defesa e culto da árvore*, Lisboa, 1912, p.2. Ver também “O Culto da Árvore”. *O Século Agrícola*, ano I, n.º 19, 7 Dezembro de 1912, p. 4; Pinheiro, *idem*, p. 59, refere que, em 1913, Adolfo Lima atribui a primeira festa da árvore à dinamização da Sociedade o Culto da Árvore fundada por José de Castro (1868-1929) Ministro Interino da Instrução Pública, Junho de 1915.

⁷ Cf. Ferreira Deusdado, “A Festa Escolar da Árvore, o culto da bandeira e o sentimento da Pátria” in *Educadores Portugueses*, edição de Angra do Heroísmo, 1909, citado por Pinheiro, *idem*, p. 58.

⁸ Na citação não alterámos a grafia de “atraz”, conforme à edição de 1913.

A festa (da árvore) ou as festas, se atendermos às várias regiões onde se celebra o “culto da árvore” é regida por normas unificadoras (minutas de convites para a eleição da comissão organizadora, minutas de prelecções para as autoridades, para os professores, para as crianças) e minutas de actas (cf. Walgode e Queirós, 1916. Queirós, s/d, Queirós, 1916).⁹

A festa da árvore na sua vocação pedagógica e cívica tem toda uma variada liturgia (desfiles – pelas praças e ruas principais – encontro entre crianças e adultos) e linguagens (prelecções, cânticos, hino à árvore, récitas, provas desportivas...).

Porém, toda a encenação e retórica culminam com o rito mágico e simbólico da plantação da árvore e do lanche.

Como acima referimos, a festa da árvore iniciada em 1907, ainda com a monarquia, começa a perder o fervor e vitalidade por volta de 1916.¹⁰ por razões políticas e ideológicas. Por um lado, pela participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial e, por outro lado, também pelas controvérsias políticas e religiosas que, em certos casos, atingem formas de um radicalismo exacerbado.¹¹

O reflexo da falta de iniciativa e vontade para dar continuidade à festa da árvore começa a ser notícia na imprensa local – em Seia, onde a festa da árvore tinha forte expressão, antes da implantação da República. Em 1919, lia-se num jornal local: “*Havia dantes uma festa annual a que chamavam a festa da árvore*”¹² e até mesmo o silêncio de *O Século Agrícola* “*visto que já ninguém estranho à classe (dos professores) se interessa*”.¹³

As festas da árvore que tinham mobilizado tantas escolas e professores e autoridades locais – como atesta a imprensa regional – foram caindo no

⁹ Ver Walgode e Queirós, s/d e Queirós, 1916.

¹⁰ Entre 1908 e 1915, José de Castro é o impulsionador da Sociedade o Culto da Árvore. (cf. nota 6).

¹¹ Ver Pinheiro, *idem*, p. 62; ver Moura, *idem*, p. 385; ver Pintassilgo, *idem*.

Cf. Moura, *idem*, p. 389, citando a *A Voz da Serra* de 6 de Novembro de 1919.

Moura refere também a voz de um leitor de o *Jornal a Guarda*, Fevereiro de 1913 que afirma que a festa da árvore é de *criação maçónica*; e a voz de um leitor de *O Grito do Povo* que classifica a festa da árvore de “*anti-católica, servindo para ferir o sentimento religiosos da população e fazer ostentação do ateísmo*.” Moura, *idem*. também um leitor do *Jornal Sul da Beira* de 27 de Março de 1913 afirmava que a festa da árvore visava “*des-cristianizar a sociedade e arrancar dos peitos inocentes das crianças a ideia de Deus*”.

¹² Ver Moura, *idem*, referindo o *Jornal A Neve*, 1916. Seia.

¹³ Cf. J. Alves de Sousa “Festa da Árvore” in *A Federação Escolar*, 3.ª fase, V, n.º 255, 3, Fevereiro, 1917, p. 1 citado por Pintassilgo, *idem*, p. 182.

esquecimento: “*Passou à história, dirão muitos.*”¹⁴ apesar da tentativa do Ministro da Instrução, João Camoesas, em 1923, tentar dar nova vida, mas sem sucesso.¹⁵

Porém, é curioso notar que, em certas escolas de Lisboa e no país, em 2005, ainda se continua a celebrar a festa da árvore, no começo da primavera, sem contudo fazerem a ligação com a origem e o valor simbólico para o ideário republicano.

2. Guia de Organização da Festa da Árvore: Normas e Prelecções¹⁶

Ensinem não somente a leitura e a escrita mas façam também a educação naturalista e cívica das crianças

Bernardino Machado

(...) E nós ouvíamos a prelecção patriótica com ar compenetrado.

Miguel Torga, *A Criação do Mundo*

O carácter normativo do *Guia da Organização* (cf. Walgode e Queirós, *idem*) revela-nos, através das normas de vários tipos de circulares, de normas de discursos e prelecções, que a Festa da Árvore é organizada segundo um ritual tanto nos procedimentos dos preparativos (ex., a eleição da comissão das festas, o pedido de financiamento...) como nas normas das prelecções (para as crianças, para os professores e para as professoras).

A partir da leitura das prelecções parece-nos legítimo formularmos, também, a seguinte questão: Onde está a alegria das crianças com tantas pre-

¹⁴ Acta da sessão do Conselho Escolar da Escola Normal Primária de Lisboa de 9 de Março de 1916 citado por Pintassilgo, *idem*, in a *Federação Escolar*, 3.^a fase, 8.º ano, n.º 368, 19 de Abril de 1919, p.2. in Pintassilgo, *idem*, p. 183. No dia 18 de Março Dr José Tomás da Fonseca director da Escola do Magistério Primário de Lisboa convida o Dr. José de Castro para fazer uma prelecção sobre a importância da árvore. Diário do Governo 2.^a série, n.º 66 de 21 de Março de 1923, citado por Pintassilgo, *idem*, p. 182.

¹⁵ Segundo Mona Ozouf, 1976, p. 14 as árvores de mai, a partir de 1765 são utilizadas na América como suporte de protesto anti-inglês onde penduram caricaturas e slogans.

¹⁶ Cf. Mona Ozouf, 1976, *Les Fêtes Révolutionnaires*, Folio/Histoire. Como afirma Ozouf, *idem*, p. 67, a árvore da liberdade torna-se um símbolo de revolta na América. Também na Revolução Francesa é símbolo de revolta e marca de insurreição com os cartazes pendurados “não pagamos as rendas”, por exemplo.

lecções tão longas e monótonas/enfadonhas? (cf. Pintassilgo, 1998, p. 192; Ozouf, 1976, p. 50). Passamos a analisar os Guias (cf. Queirós e Walgode).

Tópicos dos discursos dirigidos às crianças (*Discursos Para as crianças*), de temas educativos e cívicos, são momentos para afirmação de valores e crenças na transfiguração, regeneração e *perfectibilidade da Humanidade*. Procuramos ilustrar, com diversos exemplos, os principais temas das prelecções:

- (i) O valor da Instrução e da educação cívica como factor de regeneração do país e do amor à Pátria, expresso na incitação à luta, no processo e na função;
- (ii) O culto da Natureza – através do culto simbólico da árvore – como união e perfectibilidade do ser humano e como motor de riqueza económica;
- (iii) O amor da Pátria, simbolizado e lembrado nos heróis e na vontade e esforço de salvação;
- (iv) O valor da Ciência através da exaltação da Razão atributo distintivo do Homem.
- (v) O valor afectivo e estético.

A *incitação à luta* pela instrução e educação cívica, como factor de regeneração, expressa-se no discurso polemiológico (“*exército amigo*” ... “briosos soldados” ... “Guarda avançada de pequenos intelectuais” às armas! A Festa vai começar”...) Estais pois em presença de um exército amigo que vem lutar para o bem de todos e pelo engrandecimento da Pátria”) (cf. p. 17, 1.º discurso) e na simbologia do *aluno-soldado* (*les hussards de la république*, de Jules Ferry):

“Eu sou a guarda avançada de uma força de pequenos intelectuais que buscam na escola primária a arma heróica e invencível para a luta pela vida” ... recebei com palmas os briosos soldados”.

Depois da incitação à luta, a crença na instrução não só como valor primordial mas também como imperativo categórico *para salvar um país em crise* (“precisamos de ser... instruídos... a instrução será o primeiro passo para o ressurgimento de Portugal moribundo e velho”) (cf. p. 22-25, 5.º Discurso) e *mudar o rumo do país, sendo ao mesmo tempo agrícola e industrial e comercial* (“... precisamos ser instruídos para podermos aproveitar os recursos que nos oferece o reino vegetal” (... “Viva a agricultura” (p. 20-21,

4.º discurso) e (“... nós podemos ser também além de um povo agrícola, um povo industrial e comercial” (p. 22-25, 5.º discurso).

Na herança rousseauriana, a Natureza é percebida na experiência emocional, estética e homeostática e mesmo sacralizada (“prestai o sagrado culto ao arvoredo” ... “O arvoredo é a beleza dos campos e a riqueza da humanidade” (p.18, 2.º discurso).

Assim sendo, é urgente a reconciliação do Homem com a Natureza, num atitude amiga e fusional (“Ah! Meus senhores, nós temos desprezado a árvore que é grande amiga do homem” ...) num sentimento de reconciliação (“Ainda é tempo de emendar os nossos erros...”) e, enfim, no compromisso futuro (“... jurarmos aqui o nosso respeito pela árvore que por tantas formas é útil ao homem” (p. 19-20, 3.º discurso).

No *Culto da Natureza*, tem particular relevo a celebração do *Culto da Árvore* (“o homem tem de prestar-lhe todo o cuidado e até culto porque dela depende a nossa vida” (p. 22-24, 5.º discurso) ... “continuemos a amar a árvore”(p. 19-20, 3.º discurso). A árvore é, no seu valor simbólico, por um lado, representação e actualização de um mito e, por outro lado símbolo de liberdade¹⁷, da renovação e do homem novo. Tal como na Revolução Francesa a árvore simboliza a regeneração e o renascer do homem republicano para a *nova ordem política*, celebração de um evento histórico fundador e ideais utópicos ou também a árvore símbolo desde a antiguidade (“a árvore foi já símbolo das divindades do paganismo e da revolução francesa”).

O regresso à Natureza – a pastoral – com a fusão e harmonia entre a sociedade humana e vegetal.

A alegoria da metamorfose do ser humano e das plantas expresso no simbolismo da vergôntea “/ela a vergôntea/ parece-se connonco ... encontra-se na idade infantil, terá a sua juventude, chegará e morrerá enfim”. (cf. idem, pp. 25-30).

¹⁷ A organização da festa da árvore é regida por normas, com a publicação de manuais de instrução (cf. Walgode e Queirós, s/d e Queirós, 1916). como guias auxiliares para os professores. (cf. Moura, *idem*, p. 388 e Pintassilgo, *idem*, p.).

Cf. O Guia de Walgode e Queirós, s/d. A estrutura do guia integra: a) Introdução: elogio da árvore; b) Fase preparatória (minutas de cartas/convite para a reunião para eleger a comissão organizadora da festa; para pedir auxílio financeiro; para a divulgação em geral e na imprensa); c) Fase final (minutas de cartas de agradecimento pela participação e financiamento); d) Discursos e prelecções (para as crianças, os professores e autoridades); e) pequena antologia (O Pinheiro Bravo, O Pinheiro, A Figueira, As Árvores, A Amendoeira, Hino à Árvore) e poesia de Guerra Junqueiro “os Simples”.); f) Peças para representação (o Soldadinho); g) Músicas e letras de poemas.

O amor da Pátria que renasce – na nova ordem política – é evocado na memória de um herói colectivo (“...Pátria de tantos navegadores e valentes soldados” (p. 19-20, 3.º discurso). Para sair da situação de crise escatológica, a salvação está no esforço vital (“É necessário o esforço de todos os bons portugueses para fortalecer e salvar da morte um velho que tem mais de oito séculos de existência. Esse velho é Portugal...”). (p. 19-20, 3.º discurso) para ressurgir e poder igualar “os países mais civilizados..” (p. 22-23, discurso n.º 5).

O papel da Ciência e a alusão à superioridade do homem (“O homem dotado de Razão, propriedade que o torna superior a todos os entes da Terra” (p. 20-21, 4.º discurso). (cf. (cf. Walgode e Queirós, idem, pp. 12-16).

O valor económico das árvores ligado também à Ciência e à industrialização de um país (“onde estiver a árvore não há duna ... e as matérias primas”).

Alusões às ciências: Generalizar-se o culto da botânica: as árvores o cipreste ... as oliveiras ... o tronco da macieira e Newton e as leis da gravitação, o carvalho faz lembrar o tribunal onde outrora alguns reis davam audiência”.

Enfim, realça o valor simbólico da árvore desde a antiguidade “A árvore foi já símbolo das divindades do paganismo e da revolução francesa. Hoje é o símbolo da paz e do amor, do trabalho e do progresso” assim como os aspectos afectivos – memória – (“...sob quantas árvores tenhamos brincado que nossos avós viram nascer e muitas contam a idade de nossos pais”).

Os objectivos da festa são enunciados: “Mas a festa da árvore não só familiariza as crianças com a festa da arboricultura, como ainda tem um alto fim educativo.” ... “Cria ... o espírito de observação e os sentimentos estéticos e de fraternidade”

Estas prelecções, estando recheados de artifícios retóricos, por um lado, instituem os princípios e finalidades e, por outro lado, constituem uma forma de intervenção para a instrução pública. A temática repetitiva como a exaltação da natureza – o culto da árvore – a regeneração de um país e do povo através do amor à natureza, do reconhecimento estratégico da educação popular e das crianças como motor do processo económico e social.

As prelecções estão em sincronia com o programa fundamental do Republicanismo que via na instrução pública uma das promessas mais promissoras para a mudança do atraso do país, devido à crise histórica profunda (cf. Fernandes, 1998, p. 183).

4. A Festa da Árvore: Um dia de festa

O mestre falava da pátria, da família, do bom Cidadão, e do alto significado da festa da árvore, que já pouco demorava, para a qual andávamos a ensaiar o hino. Ó escolas, semeai!...

(Miguel Torga, A Criação do Mundo)

A Festa da Árvore é uma celebração efémera que se realiza-se num só dia.

O programa da festa abrange um *cortejo, prelecções e a plantação da árvore seguida normalmente de um lanche*.

As crianças, em cortejo, acompanhadas pelos professores e demais cidadãos percorrem as ruas e praças principais dirigindo-se para o local da plantação da árvore, ao som de cânticos, hino da árvore.

Do programa da festa, destaca-se a sessão solene em que há a prelecção do professor aos alunos sobre a árvore (valor económico, estético) e as prelecções/discursos de ilustres convidados. Alguns alunos participam na sessão solene recitando poesias alusivas, representando comédias e monólogos, actividades desportivas, ginástica e uma parada.

O cenário festivo é enunciado pelo orador:

“É dia de festa na escola!

As crianças vão plantar uma (nome da árvore a plantar). E ei-las conjuntamente com o seu professor e com mais outros elementos que fazem realçar o acto ... disputando a primeira pazada de terra a lançar sobre as raízes da pequenina árvore, que acabam de depositar (lugar). Em todos aqueles espíritos infantis parece notar-se uma centelha de civismo!

Quadro verdadeiramente lindo! ... Agora uma (criança) abeiram-se do seu professor ... pedindo-lhe muitas explicações para bem tratarem a sua árvore. ...e assim inspira aos pequenos portugueses o culto da árvore e das florestas... amar as árvores é amar a Pátria ... a indiferença do culto da árvore tende a desaparecer”. (Cf. Discurso do professor Adolfo Mari-nho)”

Na festa, estreitam-se os laços sociais e locais. A festa cívica¹⁸ permite tecer novos laços sociais no convívio entre gerações.

¹⁸ Cf. Crespo, 1990. As Festas Constitucionais de Beja, em 1821, foram as primeiras festas cívicas realizadas em Portugal. Sobre tudo pp. 334-375 sobre a festa, o calendário.

Os “círios cívicos” da festa republicana – mimetismo dos “círios cristãos” – são a expressão de um compromisso social e público da educação das crianças.

O cortejo dos alunos, acompanhados por uma banda que se dirige para o local da plantação da árvore ou árvores. Eis a festa na memória de Miguel Torga:

“Nos anos anteriores tinham sido outros os heróis dessa data memorável. A quarta é que abria a cova, aprumava o caule: lá dentro, e o arrumava, estacava e regava, depois. A miunçalha das outras classes engrossava apenas o cortejo, esganiçava-se a cantar, e mais nada. Na hora principal fazia papel de corpo presente. Mas chegara finalmente a nossa vez. E ouvíamos a prelecção patriótica com ar compenetrado. Íamos ser em breve os obreiros do futuro, a esperança em marcha, os homens de amanhã. Tudo no acto de aconchegar uma raiz à terra.”¹⁹

Segue-se um lanche entoa-se o Hino Nacional e termina a cerimónia.

Ao nível simbólico, a plantação da árvore prefigura a esperança de um novo tempo de regeneração. Espaço e tempo onde as crianças – batalhão de esperança (cf. Ozouf, *idem*, p. 313) aparecem na encenação como protagonistas e promessa de um país novo, na mística republicana.

Os jornais locais testemunham e comentam a²⁰ festa em que o papel das crianças é notável e central e que “ficará gravada na memória das crianças”.

Nota final

Importa sobretudo salientar que a nossa apresentação da *festa da árvore* tem apenas um carácter introdutório, por isso nos centrámos na dimensão cronológica (início e declínio) assim como no *Guia da Organização, privilegiando a análise temática das prelecções*.

¹⁹ Cf. Miguel Torga, 2001, p. 15.

²⁰ Na estrutura do Guia de Walgode e Queiroós, *idem*, 35-75 encontra-se uma pequena antologia de dez poemas, por ex. O Pinheiro Bravo de Bulhão Pato; Uma Árvore de Afonso Lopes Vieira; Préstito Funebre – Os Simples de Guerra Junqueiro. Monólogo O Soldadinho de Walgode e Queirós.

Convém notar que cotejando o Guia de António Walgode e Eusébio Queirós com o Guia de Eusébio Queirós, 1916 vemos que há repetições. O discurso do professor está repetido na p. 27-29. O discurso da Liga Nacional de Instrução repete-se na página 12. O discurso de Vinhó repete-se na p. 20. O discurso de Adolfo Marinho repete-se na p. 31.

Quanto à análise das preleções, os temas mais salientes constituem um verdadeiro código de educação cívica (o amor à pátria, o valor económico da árvore – resinas, madeira, pasta de papel –, o valor simbólico – Liberdade, renascimento e regeneração, o valor afectivo e estético – o amor e o afecto das árvores da nosso imaginário).

Uma palavra final, também, sobre a bibliografia que para além de ter o mérito de nos levar a reunir as referências obrigatórias sobre a festa da árvore, por um lado nos revelou que existem *festas* da árvore, e, por outro lado nos motivou a prosseguir com um estudo local: a festa da árvore através da Imprensa Regional.

Bibliografia:

- ACTAS DO VIII Congresso Internacional, *A Festa*, Organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, (Coord. de Maria Helena Carvalho dos Santos) Universitária Editora, vol. I e Vol. II.
- ARRIAGA (M. de), s/d, *A Árvore, Leitura Patriótica a Favor da Propagação e Defesa e Culto da Árvore*, Lisboa, Edição da Casa de Alfredo David.
- CATROGA (F.), “Festa Cívica, História e Política”, *Vértice*, n.º 28, Julho 1990, pp. 25-32.
- CRESPO (J.), 1990, *A História do Corpo*, Difel.
- DURAND (G.), *A Imaginação Simbólica*, 1995, Edições 70 (ed. fr. 1964)
- DUVIGNAUD (J.), 1984, *Fêtes et Civilisation*, Scarabée (1.ª ed. 1973).
- FERNANDES (R.), “Bernardino Machado e a Educação Popular”, in *Bernardino Machado, O Homem o Cientista e o Político*” *Actas do Colóquio os “Encontros de Outono”*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1998, pp. 181-192.
- HUNT (L.), 1990, “Revolução Francesa e Vida Privada” in *História da Vida Privada* (dir. de Ph. Ariès e G. Duby), vol. IV, 1990, Edições Afrontamento, pp. 21-51.
- MARQUES (A.H. de OLIVEIRA), 1981, *Guia de História da 1.ª República Portuguesa*, Editorial Estampa.
- MAUSS (M.), 2000, *Esboço de Uma Teoria Geral da Magia*, Edições 70.
- MEDINA (J.), 2004, *História de Portugal – Monarquia Constitucional (II) à República (I)*, Vol. XII, Ediclube.
- MOCIDADE PORTUGUESA, 1968, *Actividades Juvenis – Didáctica da Secção Cultural*, Mocidade Portuguesa, Ministério da Educação Nacional.
- MÓNICA (M.F.), 1978, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais.
- MOURA (M. L. de Brito), 2004, *A Guerra Religiosa na Primeira República – Crenças e Mitos num tempo de utopias*, Editorial Notícias.
- NOGUEIRA (F.), 2000, *Salazar – a Mocidade e os Princípios (1989-1928)*, Porto Livraria Civilização.

- OZOUF (M.), 1976, *La Fête Révolutionnaire – 1789 –1799*, col. “Folio/Histoire”, Gallimard.
- PINHEIRO (A. Gois), 1990, *Cadernos Monográfico 2, Alfarelos*, Edição da Liga dos Amigos dos Campos do Mondego.
- PINHEIRO (J.E. Moreirinhas), 2002, *Elementos para o Estudo da Escola Normal Primária de Lisboa*, Edição da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- PINHEIRO (J.E. Moreirinhas), 2004, *Textos Dispersos sobre Educação e Cultura*, Edição da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- PINTASSILGO (J.), 1998, *República e Formação de Cidadãos – a Educação Cívica nas Escolas Primárias da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri.
- PINTASSILGO (J.), 1996, “A Festa da Árvore” em Portalegre: Um exemplo da Pedagogia Cívica Republicana”, in *Actas do 2.º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre*, Publ. da Associação dos Professores de História, pp. 301-309.
- QUEIRÓS (de E.), 1916, *Festa da Árvore – Recolha de discursos, prelecções, poesias e modelos de relatório, em alusão à Festa da Árvore*, Livraria Moderna de João Gonçalves –Editor, Porto.
- RODRIGUES (A.), 2004, *A Escola e a Cidadania – Tradição e Modernidade*, Plátano.
- ROSAS (F.), 2002, “A Primeira República Vista pelo Estado Novo e pela Oposição Democrática” *A República ontem e hoje*, III Curso Livre de História Contemporânea, Lisboa 20 a 25 de Novembro de 2000, Lisboa, Edições Colibri, pp. 99-108.
- SILVA (A.J. Ferreira da), 1913, *A Significação da Festa da Árvore – Alocução Proferida em Cucujães, no Dia 9 de Março 1913*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- TORGA (M.), 2001, *A Criação do Mundo – Obra Completa*, Círculo de Leitores (1.^a ed. em um vol. 1991).
- VOVELLE (M.), 1987, *A Mentalidade Revolucionária – Sociedade e Mentalidades na Revolução Francesa*, Lisboa, Salamandra.
- VOVELLE (M.), s/d, *L’Etat Pendant la Révolution 1789 –1799*, La Découverte.
- WALGODE (A.). QUEIRÓS (E.), 1912, *A Propagação, Defesa e Culto da Árvore*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial.
- , s/d, *Guia para a Realização e Organização da Festa da Árvore*, Companhia Portuguesa Editora, Porto.